



1961
Jan. - Mar.
ANO I
N.º 18

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA



ARAUTO

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES
José Aica - António Soares - J. C. Nunes - A. Borges

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LICEU NACIONAL DA HORTA

D. Nuno Álvares Pereira

Nuno Álvares nasceu no ano de 1360, em Bonjardim, quando o nosso rei D. Fernando andava em guerra com os espanhóis.

Só para fazer a vontade aos pais pois o seu desejo era fazer votos de castidade, casou com D. Leonor de Alvin, tendo uma filha, Beatriz, que casou com D. Afonso, filho bastardo de D. João I e deram origem à casa de Bragança.

Desde criança interessou-se muito pela arte de cavalaria, talvez porque cresceu no meio de cavaleiros, e habituou-se a ouvi-los falar de batalhas. Lia também muitas histórias de aventuras e cada vez aumentava mais o seu desejo de ser cavaleiro.

Quando a rainha Leonor Teles o soube, deu a D. Nu-

no uma espada, armou-o cavaleiro, nomeando-o seu escudeiro. Assim D. Nuno, com 12 anos apenas, viu a realização do seu grande desejo. Por ser ainda muito novo, não tinha autorização de entrar em combates. No entanto o seu pai parecia confiar no moço cavaleiro, esperando que ele crescesse, e assim foi.

Numa noite de luar, o cavaleiro menino fez a sua estreia. Havia já tempos que os inimigos rodeavam Lisboa para não entrar ninguém. Todas as noites vinham roubar fruta e, numa dessas, D. Nuno chefiando um grupo de cavaleiros, atacou os castelhanos. Estes apanhados de surpresa fugiram para os barcos e alguns atiraram-se ao mar. D. Nuno não gostou desta fuga pois assim não alcançava grande glória como era o seu desejo.

Já antes tentara estrear a sua espada não tendo conseguido por seu irmão ter intervido e o ter obrigado a voltar para casa como se fosse uma simples donzela.

Certo dia prometeu pela sua fé que glorificaria a sua

Conclui na pág. 2

Joana d'Arc e Nuno Álvares, irmãos gémeos, redimem duas pátrias. Focos ambulantes de espírito divino, arrastam e vencem.

JUNQUEIRO

O CONDESTÁVEL

D. Nuno Álvares Pereira

N. R. — A Delegação Distrital da M. P. promoveu, em Novembro último, um concurso literário subordinado ao tema em epigrafe.

Dos concorrentes do nosso Centro, quatro foram classificados com prémios ou menções honrosas. Alguns desses trabalhos premiados foram lidos na sessão comemorativa do 6.º Centenário de Nun' Álvares. O que agora publicamos foi o que obteve o 1.º Prémio. No entanto, devido à sua grande extensão, não nos é possível transcrevê-lo na íntegra, pelo que publicamos algumas passagens de maior interesse.

Nun' Álvares Pereira, o Condestável do Reino de Portugal na época das lutas com Castela, quando esta quis violar a nossa autonomia, é considerado «a mais alta figura da História Militar Portuguesa». Classificação absolutamente justa, pois os feitos de Nun' Álvares não encontram par, se perscrutarmos o vasto horizonte das façanhas guerreiras dos heróicos Portugueses.

Mas a sua acção não se limitou às armas. Tendo

levado sempre uma vida de piedade, nos últimos tempos da sua existência recolheu-se ao Convento do Carmo, em Lisboa, por ele fundado e aí, na solidão da cela ou na vastidão do claustro, a sua vida reveste-se de uma auréola de santidade que o levou à beatificação e que certamente há-de determinar a sua canonização.

Conclui na pág. 3

O Nosso 3.º Aniversário

Tiveram a amabilidade de se referirem ao 3.º Aniversário de publicação do «Arauto», os jornais «Correio da Horta» e «O Dever».

Também o programa «Rádio Gazeta» de Rádio Club de Angra nos dirigiu, lísonjeiras palavras de felicitações, incluindo ainda numa das suas emissões, a leitura do artigo «Antecedentes da Restauração» de António Soares, publicado no n.º 17 do nosso jornal.

Aos beneméritos órgãos da Imprensa Distrital e da Rádio Açoriana, endereçamos os nossos sinceros agradecimentos.

«CORREIO DA HORTA»

Passou no dia 4 de Dezembro mais um aniversário, o 30.º, deste benemérito órgão da Imprensa Faialense.

Por tal motivo, o «Arauto» felicita os seus Directores e Redactores com votos de longa existência.

Se quem com tanta força em Deus se atreve
Saber quiseses como se nomeia,
Cipião Português chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nun'Álvares se arreja.
Ditosa Pátria que tal filho teve!

CAMÕES

D. Nuno A'lvaes Pereira

Conclusão da pág. 1

espada e incitou os companheiros a irem esperar os assaltantes em frente à outra parte da cidade. Ao amanhecer viram que os inimigos eram em número de 300 e estavam preparados para a luta. D. Nuno encorajou os seus homens dizendo-lhes que nunca abandonassem o campo de batalha. Assim não aconteceu pois os companheiros amedrontados, voltaram costas e deixaram-no sózinho, guerreando contra os inimigos. A lança partiu-se a meio e chegou finalmente o momento de desembainhar a espada. Uma lançada mais funda varou-lhe o cavalo que caiu.

Um clérigo que viu a cena chamou os cavaleiros dizendo-lhes que tivessem vergonha e honra. Lançaram-se então todos à luta livrando da morte D. Nuno que sorria porque estreira a sua espada, e o coração dizia-lhe que seria Invençível.

Houve um tempo em que se pensou que ia finalmente acabar a guerra entre Portugal e o reino vizinho. Foi na altura que se combinou o casamento da princesa real D. Beatriz com o rei D. João de Castela. Realizaram-se grandes festejos e D. Nuno foi também convidado. Quando ele e seu irmão se dirigiam para os lugares que lhes estavam destinados nas bodas, encontraram-nos ocupados por dois arrogantes cavaleiros espanhóis que, sem pedirem desculpa, se deixaram ficar no mesmo sitio. O Cavaleiro D. Nuno, irritado com este procedimento, pegando na beira da mesa, virou-a espalhando-se tudo pelo chão. Sem medo, de cabeça erguida, saiu tão corajoso que o próprio rei de Castela disse que, fidalgo que tal fazia de muito mais seria capaz e, ficou pensando que ele havia de dar que falar mas nunca supondo que

D. Nuno seria o vencedor de tantas batalhas e que, pela sua furiosa espada, seria assegurada a independência do reino.

Veio depois a morte de D. Fernando e com ela morreu também a esperança da paz. Isto desgostou muito D. Nuno que não sentia medo de combater mas via que as guerras trariam morte e desgraça a toda a gente.

Passando um dia pela casa de um alfageme que estava à porta a limpar uma espada, perguntou-lhe se era capaz de limpar tão bem a sua. Desafivelou-a e entregou-a ao homem que a poliu e a pôs brilhante como se fosse prata. Ao entregar-lhe o alfageme disse-lhe que quando o rei o fizesse conde, voltasse então para lhe pagar pois essa altura não tardaria. O cavaleiro admirou-se pois El-rei já tinha morrido e ainda não havia outro Rei mas certo é que as coisas aconteceram como o alfageme tinha anunciado.

Para isso foram precisos muitos e terríveis combates contra exércitos inimigos, muito mais numerosos em que a espada de D. Nuno defendeu a terra e deu ao reino um rei forte valente e leal que o governou com justiça. Batalha em que entrou D. Nuno, era batalha perdida para o inimigo e vitória para o

cavaleiro e os seus soldados.

Apesar de ser o grande amigo do mestre de Avis e triunfar como o melhor cavaleiro, era o mais caridoso e humilde de todos, tendo por isso a protecção do Céu que em todos os momentos lhe dava coragem e força e era por isso que antes e depois de qualquer batalha ajoelhava e rezava.

Tinha já mostrado o seu valor nas batalhas de Atoleiros e Trancoso, mas a sua grande vitória foi em Aljubarrota, a 14 de Agosto de 1385, quando, à frente do exército português derrotou os inimigos em número muito mais elevado.

Na véspera da batalha de Aljubarrota, em Ourém, invocou a Senhora da Purificação prometendo-lhe lá voltar se ganhasse a batalha. Como a ganhou foi cumprir o seu voto, agradecendo reconhecido.

Quando um dia foi a Santa Maria cumprir um voto que tinha feito, ficou indignado porque os inimigos tinham feito da casa de Nossa Senhora, cavaliária. Desta vez a ofensa não era feita à Pátria nem ao rei, era à própria Mãe de Deus! Querendo esquecer-se de que o consideravam o primeiro cavaleiro do reino, e descalço como se fosse o mais humilde

dos seus criados, pegou na vassoura e pôs a varrer e a limpar o chão da capela profanada, pedindo à Virgem Santa Maria, perdão pelos pecados desses homens. Distribuía a maior parte das suas terras e dos seus rendimentos pelos pobres e por dar tantas esmolas sofria provações na sua casa.

O espanto de todos foi maior quando souberam que D. Nuno dava esmolas aos seus próprios inimigos, os castelhanos.

Depois de ter assegurado a independência de Portugal e logo que voltou da expedição a Ceuta, D. Nuno A'lvaes Pereira, conhecendo que a Pátria já não precisava dele, recolheu ao convento do Carmo que anos antes mandara construir e aí professou. Podia ser superior daqueles monges, mas não o quis. Podia ser sacerdote do senhor, não o quis. Pedia apenas humildemente que o deixassem andar pelas portas a mendigar, para os outros. O suplicio de D. Nuno era usar a armadura de ferro que estava em todas as suas batalhas e que, por ser muito dura, o pisava imenso.

E num dia de Páscoa, levando na alma a Aleluia dos sinos, o cavaleiro D. Nuno descansou na Paz de Deus e foi receber no Céu uma glória maior do que todas as que tivera na Terra.

No Mundo foi o Condestável D. Nuno A'lvaes Pereira. Na Igreja esperamos que seja um dia invocado com o nome de S. Nuno de Santa Maria.

O ano passado celebrou-se o 6.º centenário da morte de D. Nuno, por isso o ano chamou-se Condestabrianos

Este ano, os seus restos mortais andam a percorrer as diversas cidades do país.

Maria de Fátima Lemos Ferreira

1.º Ano

O ADAMASTOR

Sim, Adamastor, tu serás sempre maldito! A tua fama ecoou pelos quatro cantos do mundo, atirando aos ventos a tua sede de vingança.

Fomos nós os portugueses quem primeiro ousou defrontar-te, mas também fomos nós que sofremos as primeiras consequências da tua vingança.

Um marinheiro, ousado e destemido, lutou conti-

go e venceu-te e então, como visses que tinhas menos poder do que ele, vingaste-te em outros que vias que podias vencer.

«O mar estava alteroso e o vento soprava fortemente e aqueles homens guiando uma frágil caravela, lutavam para vencer a tempestade.

No teu posto divertias-te, ao presenciares a ce-

Concluí na pág. 9

--- O Condestável D. Nuno Álvares Pereira ---

Conclusão da pág. 1

Em fins de 1383 morre D. Fernando. Alguém propõe a Nuno que adira à causa do rei de Castela, que reclama o trono português alegando ser casado com a herdeira deste, como estão a fazer muitos nobres, uns para não quebrarem o juramento de vassalagem feito a D. Beatriz, outros julgando dignos de crédito as promessas de D. João de Castela que diz comprometer-se a respeitar a independência de Portugal. Mas Nun' Álvares não confia nessas promessas e essa desconfiança acentua-se ao saber que se prera a morte do Conde Andeiro, favorável aos castelhanos e amante de Leonor Teles.

Nuno retira-se de Lisboa por algum tempo e encontra-se em Santarém quando sabe da morte do Andeiro. Ao saber que o Mestre de Avis, seu amigo desde longa data, fora nomeado «defensor e regedor do reino», Nuno regressa a Lisboa, procura o Mestre e beija-lhe a mão mostrando assim que já o considera rei.

O rei de Castela, astuto, não abandona a ideia de tomar Portugal e entra pela Beira com o seu exército. Os portugueses perseguem-no. A custo o Condestável consegue dissuadir o rei do seu plano de invadir a Andaluzia para que se dê combate ao intruso. Os portugueses reúnem-se em Tomar e decidem ir ao encontro do inimigo. Em 13 de Agosto pernoitam em Porto de Mós. O Condestável segue com alguns homens em exploração e para escolher terreno para a batalha. No dia 14 a nossa hoste encontra-se em Aljubarrota onde espera o inimigo. Este surge, ataca e fere-se então a gloriosa batalha que tomou o nome da localidade em que se travou.

Nesta batalha, a apurada táctica militar condestabrian venceu, mais uma vez, a superioridade numérica inimiga. Os castelhanos voltam à carga invadindo o Alentejo. O condestável organiza o seu esquadrão e vai restabelecer a ordem na sua comarca. À sua aproximação os invasores retiraram precipitadamente. Os portugueses entusiasmados tomam a iniciativa de invadir Castela. No regresso e estando próximo do rio Guadiana, encontram-se com um poderoso exército inimigo. Nun' Álvares prepara os seus para o combate e ataca. Durante bastante tempo a sorte dos dois antagonistas manteve-se incerta, manifestando-se todavia certa superioridade dos castelhanos. D. Nuno encoraja os seus e retira-se. Vão encontrá-lo recolhido em oração. Ante a expectativa dos companheiros, exclama com uma serenidade ins vulgar: «Ainda não é tempo; aguardai um pouco e acabarei de orar», tal era a Certeza de que a vitória lhe seria favorável. Terminada a prece, lança-se à luta, com rara intrepidez, «matando castelhanos às mãos cheias», no dizer de um cronista. Os portugueses, que já esmoreciam e desconfiavam de alcançar a vitória, enchem-se de brio com o exemplo do chefe e conduzem as nossas armas de novo à glória de vencer. Estava ganho o recontro de Valverde, como ficou conhecida a batalha.

Em 1399 Nuno colabora em negociações de paz com Castela mas essas tentativas apaziguadoras não são bem sucedidas. Põe-se cerco a Alcântara mas a empresa de tomar a cidade não obtém êxito e os nossos retiram.

A almejada paz negocia-se, finalmente, em 30 de Outubro de 1411 em Medina del Campo. Depois dis-

to, o rei nomeia-o comissário da justiça na comarca de Entre Tejo e Guadiana.

Nuno Álvares Pereira que enviudara aos vinte e seis anos apenas tem uma filha que ele adora. Essa filha, casada com um filho bastardo de D. João I, morre deixando três órfãos que ele protege.

O Condestável resolve recolher ao Convento de Santa Maria do Carmo que ele mandara edificar. Vai algum tempo para o Alentejo, onde se prepara para professar, entrando para a vida religiosa em 1423. Diz-se que, depois de ingressar na vida monástica, conservou sempre, por baixo do hábito de frade, o seu arnês dos combates doutro e que está disposto a lutar sempre que for preciso. O sangue que dantes lhe fortalecia o braço e lhe dava ânimo para a luta é ainda o mesmo. A ténpera não abrandou. Mas tem de reconhecer que já os anos pesam sobre ele. Com que saudade não terá ele visto partir a expedição que iria conquistar Ceuta sem ter já força para participar na empresa?!

O fim fatal de todo o homem, seja ele quem for, é a morte. E mesmo que

O meu passado de Estudante

Relembro agora, em terras estrangeiras, tudo o que passei na minha agitada vida de estudante, que foi sem dúvida a de maiores emoções.

Nunca podemos esquecer as horas de alegria e tristeza, vividas entre quatro paredes, ouvindo umas vezes as felicitações dos professores, pelo bom comportamento, por um bom exercício ou por uma chamada positiva; ou ouvindo outras vezes do mesmo

se trate dum herói da categoria de Nun' Alvares Pereira, essa morte é à, mesma, inexorável. Assim, no dia 1 de Abril de 1431, contando quase setenta e um anos, o Santo Condestável exalou o último suspiro. A seu lado, D. João I, sempre ele o amigo da infância, segurava-lhe a mão inerte. De pé, o Infante D. Duarte assistia mudo àquela cena trágica.

Nun' Álvares, porém, transpôs a barreira da morte através dos seus feitos. São esses que o hão-de celebrar eternamente.

Durante toda a sua existência, Nun' Álvares teve uma vida de piedade mas foi nos últimos anos, depois de professar, que se devotou mais afincadamente ao culto religioso e à prática das virtudes.

Atendendo à grande devoção do povo português pelo Condestável do reino, desde há muito que se vinha trabalhando para a aprovação do processo da beatificação do herói. Em 15 de Janeiro de 1918, a Congregação dos Ritos fez essa aprovação que, dias mais tarde, em 23 desse mês, foi ratificada pelo Papa Bento XV. Tem-se procedido a diligências para se conseguir a sua canonização o certamente se realizará num futuro próximo.

Reconhecendo as suas inegáveis qualidades de patriotismo, a Organização Nacional Mocidade Portuguesa escolheu-o para, com o Infante D. Henrique, ser seu patrono.

E agora, que estão a decorrer as Comemorações Condestabrianas e que a integridade da Pátria Portuguesa tem sido alvo de tentativas perturbadoras, aliás vãs, feitas por elementos subversivos invejosos da unidade do nosso Império, a figura do Condestável D. Nuno Álvares Pereira é de flagrante actualidade.

Conclui na pág. 8

José Alves Aica

— DESPORTOS —

Basquetebol

Centro Escolar n.º 1 - 46
«Externos» 28

Futebol

Centro Escolar n.º 1 - 3
«Externos» 2
5.º Ano - 2 - 4.º Ano 2

Atletismo

A Secção Desportiva organizou o 2.º Torneio de Atletismo por equipas, no qual se verificou uma vitória justa mas inesperada do 2.º ciclo.

Podemos dizer que o Torneio de Atletismo atingiu bom nível técnico se compararmos os seus resultados com os actuais máximos faialenses.

No entanto, merecem uma referência especial, o tempo obtido pela equipa do 2.º ciclo na estafeta de 4x1000 e a marca de Emircio Valdemar no Lançamento de Dardo e que ficam, respectivamente a 1m 6/10 e a 2,5 metros dos «recordes» faialenses daquelas provas.

Eis os seus resultados:

100 Metros

1.º Honorato Furtado — 12s 2/10 — novo «record» liceal
2.º Helder Porto — 12s 4/10
3.º Carlos Baptista — 13s
4.º Mário Lourenço
5.º João Bettencourt

200 Metros

1.º Honorato Furtado — 26s 6/10
2.º Amilcar Quaresma — 27s 2/10
3.º João Álvaro — 27s 8/10
4.º Jaime Neves

800 Metros

1.º Mário Amaral — 2m 21s 2/10 — novo «record» liceal
2.º Carlos Garcia — 2m 25s
3.º José Aica — 2m 30s 2/10
4.º Renato Horta

5.º João Álvaro

1000 Metros

1.º Mário Amaral — 3m 9s 6/10 — novo «record» liceal
2.º José Humberto — 3m 10s
3.º Carlos Garcia — 3m 11s
4.º José Aica
5.º Mendonça Nunes

Estafeta 4x100

1.º — 3.º ciclo (Helder Porto, Carlos Garcia, Mário Lourenço, Emircio Valdemar) — 52s 9/10 — novo «record» liceal
2.º ciclo — 53s 1/10

Estafeta 4x1000

1.º — 2.º ciclo (José Humberto, Fernando Guerra, Amilcar Quaresma, Mário Amaral) — 12 m 53s 6/10 — novo «record» liceal
2.º — 3.º ciclo — 13m

Salto em altura

1.º Mário Amaral — 1,45m
2.º João Bettencourt — 1,40m
3.º João Álvaro — 1,35m
4.º Mendonça Nunes — 1,25m
5.º José Augusto — 1,25m

Salto em comprimento

1.º Emircio Valdemar — 5,25m
2.º Helder Porto — 5,04m
3.º Mário Garcia — 4,99m
4.º Mário Simas — 4,97m
5.º Jaime Neves — 4,95m

Triplo-Salto

1.º Helder Porto — 11,25m
2.º Mário Garcia — 11,05m
3.º Fernando Guerra — 10,81m
4.º Mário Lourenço — 10,53m
5.º Jaime Neves — 10,13m

Lançamento de Disco

1.º Mário Garcia — 25,10m — novo «record» liceal
2.º Emircio Valdemar — 21,60m
3.º Manuel Alberto — 19,83m

4.º Mário Gabriel — 18,97m
5.º José Augusto — 17,95m

Lançamento de Peso

1.º Manuel Alberto — 10,54m — novo «record» liceal
2.º Mário Garcia — 10,42
3.º Mário Simas — 10,33
4.º Mendonça Nunes — 9,38
5.º Leonildo Vargas — 8,99

Lançamento de Dardo

1.º Emircio Valdemar — 34m — «record» liceal
2.º Fernando Guerra — 30,52
3.º João Bettencourt — 26,52
4.º Manuel Alberto — 26,36
5.º Mário Gabriel — 21,74

Notícias Desportistas

— No jogo de Andebol entre o C. E. 1 ea B. I. D. C. ; incluído no programa das comemorações do 1.º de Dezembro, registou-se uma vitória da equipa da M. P. por 12 bolas a 8.

A equipa do nosso Centro apresentou a seguinte formação: Carlos Garcia, Tomás Alberto, Mário Simas, José Aica, Jaime Neves, Mário Garcia, Helder Porto, e António Gomes.

— Resultados dos primeiros jogos a contar para o Campeonato de Futebol de Salão:

3.º Ciclo-7-4.º Ano 2
5.º Ano-5-Mag. 4
5.º Ano-3-4.º Ano 5
3.º Ciclo-3-Mag. 3

— Em seguida ao Futebol de Salão, vai realizar-se o Torneio Individual de Ténis de Mesa,

Campeonato de Andebol

A Secção Desportiva do nosso Centro organizou este ano mais um Campeona-

to de Andebol de Sete no qual participaram as equipas do 4.º e 5.º Ano, do 3.º Ciclo e da Escola do Magistério Primário.

Saiu vencedora a equipa do 3.º Ciclo que foi a que teve uma actuação mais regular conseguindo vencer todos os jogos disputados.

As nossas melhores felicitações para a equipa do 3.º Ciclo composta por C. Garcia, T. Alberto, Germano, J. Aica, Porto, Lourenço, Neves, V. Bettencourt e Emircio.

Da lista dos marcadores salientamos M. Garcia com 45 golos A. Gomes com 34, H. Porto com 28, Lourenço com 26 e, finalmente, Neves com 22.

Eis os resultados verificados:

1.ª Jornada

Magistério 5-4.º Ano 3
3.º Ciclo 11-5.º Ano 6

2.ª Jornada

5.º Ano 12-Magistério 9
3.º Ciclo 16-4.º Ano 1

3.ª Jornada

5.º Ano 16-4.º Ano 5
3.º Ciclo 5-Magistério 3

4.ª Jornada

3.º Ciclo 9-5.º Ano 6
Magistério 15-4.º Ano 4

5.ª Jornada

3.º Ciclo 26-4.º Ano 1
5.º Ano 15-Magistério 7

6.ª Jornada

3.º Ciclo 16-Magistério 12
5.º Ano 13-4.º Ano 6

Voleibol

O Campeonato desta modalidade foi desprovido de interesse dada a grande superioridade da equipa vencedora, a do 3.º Ciclo (H. Porto, V. Bettencourt, J. Augusto, L. Vargas, J. Álvaro e Germano).

Resultados:

3.º Ciclo 3-4.º Ano 0 (15-4; 15-10; 15-0)
3.º Ciclo 3-Magistério 0 (15-12; 15-8; 15-8)
3.º Ciclo 3-Magistério 0 (15 5; 15-12; 15-11)

Conclui na pág. 5

António José de A'vila As minhas férias - um rancho

Esta pequenina terra do Faial tem sido berço de vultos destacados, quer na política, quer na literatura, quer em vários outros ramos da actividade intelectual.

António José de A'vila foi um deles. Nasceu no dia 8 de Maio de 1807 numa pequenina casa da rua Comendador Macedo, onde se vê uma lápida alusiva ao facto.

Depois de frequentar as aulas que então aqui funcionavam, matriculou-se na Universidade de Coimbra onde se formou em filosofia com grande distinção.

Em seguida veio para a sua terra natal onde leccionou filosofia.

O ano de 1832 marca, com a sua eleição para presidente da Câmara, o início da sua actividade política, que o devia guindar aos mais altos cargos.

Foi graças ao esforço do Doutor A'vila que em 1833 a, então Vila da Horta, foi elevada à categoria de cidade.

Um ano depois foi eleito deputado, sendo seguidamente nomeado governador do distrito de E'vora.

No ano de 1841 foi eleito Ministro das Finanças, cargo que desempenhou com tanta habilidade que a ele foi reconduzido mais quatro vezes.

Também tomou as pastas de Ministro dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça e dos Negócios Estrangeiros.

Em 1870 foi eleito Presidente do Ministério.

Além de politico hábil e prudente, António José de A'vila era um grande diplomata. Representou Portugal em vários congressos, mas a sua coroa de glória, deu-lha o conhecido caso de Bolama, que lhe valeu o título de Marquês de A'vila e Bolama.

No ano seguinte o Rei elevou-o a Duque.

Aqui está em traços gerais, o que foi a vida poli-

tica e diplomática deste grande faialense.

Filho de um pobre mas honrado sapateiro, chegou ao mais alto que se podia chegar, devido à sua grande capacidade e competência.

Homens assim é que honram a terra que os viu nascer, e é com eles que a Pátria se engradece.

O seu nome deve ser conhecido de todas as gerações para que os portugueses jamais esqueçam a gloriosa herança, que o seu prestígio lhes legou.

J. A. Costa Nunes

Há uma palavra que me torna alegre ou saudoso conforme a época do ano ou o motivo da sua evocação. E' com saudade que, embrenhado nos meus livros, lembro esse dissilabo por si tão expressivo. Quantas recordações estão ligadas a ele desde a minha meninice até agora, quantas lágrimas de alívio choro nas horas difíceis da vida ao evocar essa palavra. Qual será a razão? E' simples. Essa palavra trouxe-me à mente a minha terra na quadra mais festiva do ano e a minha terra é para

mim como um Deus. Amo-a nas horas tristes e nas horas alegres. Talvez mais nas tristes porque a sua solidão, a alegria dos seus prados viçosos, dos seus pinhais e vinhedos é como um bálsamo para o meu sofrimento.

Nas horas alegres, longe dela, por vezes esqueço-a e talvez a despreze. Oh que ingrato que sou para a terra que me viu nascer, para as suas brisas reconfortantes que me adormeceram, para os montes que me viram saltitar e chilrear como um passarinho. A minha terra não é a minha casa, não é a minha rua, não é a minha freguesia. Não!! Não sou tão bairrista. A minha terra é o conjunto das casas, das ruas, das freguesias, enfim, é uma ilha, parte integrante do nosso querido Portugal de Salazar, apesar de pequena.

Como me desviei do assunto, como associei ideias à volta dessa palavra. Desculpe, benévolo leitor! Foi a palavra, motivo destas minhas linhas, pobres em literatura mas ricas em sinceridade, que originou este desabafo.

«Rancho» é a representação alfabética que guardei à curiosidade do leitor até agora. Rancho é, na minha terra como em todo o nosso Portugal, um grupo de homens e mulheres que cantam as alegrias de paz do Natal. Rancho foi o que tive a oportunidade de ver de passagem por uma das vilas do Pico, nas minhas últimas férias de Natal. Essa denominação será talvez imprópria para o que vi actuar, devido ao seu reduzido número de elementos, dirão os amáveis leitores que tenham também presenciado.

Eram meia dúzia, três homens e três amáveis meninas, mas o seu conjunto era afinadíssimo.

Conclui na pág. 6

-- Desportos --

Conclusão da pág. 4

Reprovamos a atitude da equipa do 5.º Ano que desistiu da competição depois de já se ter inscrito, o que contribuiu para o baixo nível verificado.

Basquetebol

3.º Ciclo 47—Magistério 17

5.º Ano 29—4.º Ano 16

5.º Ano 42—Magistério 28

3.º Ciclo 42—4.º Ano 24

3.º Ciclo-34—5.º Ano 25

5.º Ano 28—4.º Ano 14

3.º Ciclo 47—4.º Ano 12

3.º Ciclo 48—5.º Ano 21

Os resultados acima publicados são os que se verificaram nos jogos do Torneio de Basquetebol organizado pela Seccção Desportiva do nosso Centro e que foi justamente ganho pela equipa do 3.º Ciclo. Esta equipa composta por T. Alberto, José Aica, Jaime Neves, Carlos Garcia, Helder Porto e M. Lourenço, não chegou a conhecer o peso da derrota durante toda a prova.

O melhor marcador foi

Helder Porto com 90 pontos, seguido de M. Garcia com 76 e T. Alberto com 35.

Ténis de Mesa

Terminou a disputa do 1.º Campeonato por equipas da modalidade em epigrafe, que foi brilhantemente ganho pela equipa A do 3.º Ciclo (M. Alberto, H. Porto, C. Garcia e R. Simões).

Resultados:

3.º Ciclo A—3.º B (5-3; 5-0)

5.º Ano A—4.º Ano (5-1; 5-0)

5.º Ano B—4.º Ano (5-1; 5-0)

3.º Ciclo B—5.º Ano A (5-3; 5-0)

3.º Ciclo A—5.º Ano B (5-0; 5-0)

4.º Ano—3.º Ciclo B (0-5; 0-5)

3.º Ciclo A—4.º Ano (5-0; 5-0)

5.º Ano A—5.º B (5-0; 5-0)

5.º Ano A—3.º Ciclo A (1-5; 0-5)

3.º Ciclo B—5.º Ano B (5-0; 5-0)

Garrett, o primeiro corifeu do romantismo em Portugal, no início da sua carreira literária, orientou-se pelas regras do Arcadismo, assim o demonstram muitas das suas obras, entre as quais poderemos apontar a «Lírica de João Mínimo» cheia de poetas tipicamente arcádicos. No entanto o seu exílio contribuiu para que ele adoptasse os novos princípios literários, já em voga nos outros países, visto ele ter permanecido nos principais focos literários como seja a Inglaterra e a França; a Inglaterra tinha então Lord Byron, poeta de grande valor e Walter Scott cuja obra fora quase toda inspirada na Idade Média. Não admira pois que com esta convivência ficassem algumas destas ideias a fazer eco no espírito do grande autor em que já desabrochava a flor da poesia romântica. Por isso a segunda compilação de

versos que intitulou de «Flores sem fruto» tem já um aspecto diferente notando-se laivos de romantismo bastante acentuados. Contudo é a terceira — Folhas Caidas, escrita aos 50 anos que Garrett soube espelhar nos seus versos o que lhe ia na alma.

Nas suas composições usa Garrett o verso de 7 sílabas, que constituía inovação em relação ao arcadismo, podendo-se apontar também como inovações não propriamente pela matéria, mas pela forma como são tratadas, a intensidade dos sentimentos, a saudade, a relação do estado de alma com a natureza, os prados, as flores, os rouxinóis, etc.

E assim entra definitivamente em Portugal o romantismo pela vasta obra de Almeida Garrett um dos nossos maiores poetas.

Maria de Fátima Baptista

Albert Einstein nasceu em Ulm, na Alemanha, a 14 de Março de 1879. Desde criança começou a manifestar características próprias, que o haviam de embaraçar, quando iniciou os seus estudos. Assim mudou várias vezes de escola, por ser considerado aluno pouco exemplar e por isso prejudicar os colegas. Ele pensava que não se deveria decorar nada, porque julgava isso inútil para a vida prática e assim o demonstrou publicamente, quando já homem famoso lhe perguntaram qual a velocidade do som; Einstein respondeu friamente que não sabia e, seguidamente acrescentou «para que hei-de estar a carregar a memória com esses números, se eu quando precisar encontro-os em qualquer Enciclopédia».

Sua família devido a dificuldades financeiras, foi obrigada a emigrar para a Itália e seguidamente para a Suíça, onde Einstein se formou em Física na Escola Politécnica de Zurique.

Depois de ter terminado o curso, conseguiu arranjar um emprego modesto e, viu finalmente abrirem-se-lhe as portas da celebridade, com a publicação de alguns artigos na revista alemã «Anais da Física», artigos esses que continham uma lei, que mais tarde originou a descoberta da Televisão.

Com este seu primeiro êxito, foi convidado a lecionar em algumas Universidades Europeias, publicando entretanto a obra que o havia de consagrar «Fundamentos sobre a Teoria da Relatividade».

Com esta obra, introduziu no campo da ciência a palavra «relatividade». Nesse trabalho Einstein considera, que na natureza existe apenas uma medida absoluta, a velocidade da luz e que portanto todas as outras medidas são relativas.

A parte da sua Teoria, que actualmente tem dado mais aso a descobertas é aquela que se refere às relações entre a massa e a energia. A sua famosa fórmula $E=mc^2$, isto é a energia é igual à massa (em gramas) multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz (em centímetros por segundo) exprime a verdade mais revolucionária dos tempos modernos e que havia de dar ensejo a que o físico Oppenheimer construísse a primeira bomba atómica.

Morreu a 18 de Abril de 1954, nos Estados Unidos da América, onde se havia refugiado quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

O seu valor como homem e como cientista é incontestável o que levou o ex-presidente dos Estados Unidos, Eisenhower, a afirmar: «nenhum outro homem contribuiu como este para o progresso científico século XX», afirmação esta que é considerada de inteira justiça.

José Augusto Bettencourt
7.º Ano

ZETA

Do nosso Liceu

— Os Alunos do 7.º Ano pensam publicar este ano um «Livro de Curso», evocativo da sua já longa vida liceal.

— No dia 19 de Dezembro realizou-se, no Ginásio do Liceu, uma reunião com os Senhores Encarregados de Educação dos Alunos que actualmente frequentam o nosso Estabelecimento de Ensino.

nas, a este rancho devido ao seu reduzido número de elementos, não porque outros que tenho ouvido não o mereçam mas sim porque este me prendeu mais a atenção. Realmente é de impressionar vermos uma pessoa tocar dois instrumentos ao mesmo tempo e também tocar e cantar, simultaneamente.

Madalena do Pico,
Janeiro de 1961

As minhas férias - um rancho

Conclusão do pág. 5

Eis que os apresento ao leitor.

O «mestre» que tocava harmónica e ao mesmo tempo acompanhava com o violão, uma gentil menina que tocava bandolim e cantava à frente, e mais três que apenas canavam.

Apenas três instrumentos mas muito bem tocados, sendo o seu conjunto muito harmonioso.

Esquecia os outros três componentes.

Eram duas meninas que cantavam à frente e um homem que cantava o coro juntamente com elas e com os que tocavam instrumentos.

Donde seriam os componentes daquele agrupamento tão pequenino que foram tão gabados no dia

em que os ouvi? Não sei! De certo que eram do campo!

Que lição para a juventude ociosa das cidades que, com professores de piano e de canto, não consegue aprender quase nada.

Aqueles sim! O seu ócio era o trabalho duro dos campos e as suas poucas horas livres dedicaram-nas a ensaios. Vou terminar mas antes quero que fique aqui o meu louvor àquele rancho e, principalmente, ao «mestre» e à menina do bandolim, que revelaram talento.

Que este louvor os incite e na próxima quadra do Natal ainda me consigam impressionar mais com a sua harmonia e o seu espírito de paz.

N. A. — Refiro-me ape-

«AMADIS DE GAULA» Cantigas de amor e de amigo

A Idade Média foi o período áureo da cavalaria. Tinha esta não só o carácter de uma instituição religiosa com fins altruistas, mas também o de uma profissão, a mais indicada para todo o nobre e militar que se orgulhasse de o ser.

O acto de armar um cavaleiro era tão importante, que se revestia duma brilhante cerimónia realizada no templo, onde o mancebo prestava juramento de fidelidade perante os padrinhos, fazendo depois a vigília obrigatória.

Partia o cavaleiro para a guerra; praticava feitos heróicos que descrevia, quando do regresso, impressionando a imaginação popular. O povo, transfigurando os factos, contava-os aos serões. Esta tendência imaginativa e mitificadora veio a dar origem aos romances de cavalaria, entremeados de episódios amorosos, escritos em verso e depois em prosa. Eram muito lidos e a sua fama estendia-se por toda a Europa.

Segundo o herói que celebram ou o assunto que versam, podem dividir-se em três ciclos europeus: Greco-latino ou Clássico, Carolíngio e Bretão ou Arturiano; e dois peninsulares: Mio Cid e Amadis.

O ciclo arturiano obtive maior voga em Portugal, já pela sua sentimentalidade, já pelo seu idealismo, que tão admiravelmente se ajustavam ao temperamento do nosso povo.

Filiado neste ciclo, aparece-nos a famosa novela «Amadis de Gaula», aquela que logrou fugir ao ridículo de Cervantes, ganhar-lhe a simpatia, merecer-lhe até mesmo a seguinte expressão: «El mejor de todos los libros que deste género se han compuesto».

Muito se tem estudado e discutido sobre a problemática origem do Amadis, sem contudo se chegar a um resultado inteiramente

satisfatório. A questão é esta: será português ou castelhano o autor do «Amadis de Gaula»?

Não temos uma prova definitiva; no entanto, analisando os argumentos, vemos que estes se inclinam a favor da autoria portuguesa.

Argumentos intrínsecos: — O episódio de Briolanja, a rapariga que se apaixonou por Amadis, seu salvador. Este, como não lhe correspondesse, visto estar noivo de Oriana, a Sem Par, foi por ela encerrado numa torre, donde mais tarde o liberta, por ver que o cavaleiro morre de saudades pela sua amada.

Ora pela edição de Montalvo, a mais antiga que conhecemos, sabe-se que o Infante D. Afonso de Portugal pediu ao autor que alterasse a história, a fim de que Briolanja fosse correspondida por algum tempo. Este D. Afonso outro não pode ser senão o irmão mais novo de D. Dinis. Daqui se concluiu, portanto, que a novela já era conhecida em Portugal no séc. XIV, e que o autor era português, porque não o sendo, como se compreende que D. Afonso pedisse uma tal modificação?

Outro argumento é o facto de se integrar no texto da novela a canção de Leonoreta, da autoria de João de Lokeira, que morava no Paço de D. Afonso e era seu amigo íntimo, sendo assim justificável que este lhe pedisse a dita emenda. Para mais, não se compreende que um espanhol viesse buscar uma canção portuguesa para obra sua, exactamente numa altura em que a amizade entre os dois países se encontrava mais instável e ameaçada.

A natureza sentimental do livro, que também se quadra com a ternura e saudade amorosa dos Portugueses e nunca com o

Conclusão da pág. 8

as «cantigas de romaria». As primeiras versam assuntos marítimos e exprimem a preocupação das namoradas pelos seus amigos, em perigo sobre as águas do mar.

As cantigas de romaria são bastante variadas, podendo a rapariga ir ao santuário pedir o regresso do amigo, a sua cura, ou ainda agradecer o seu regresso.

Estas duas modalidades são manifestações do Portugal religioso e marítimo.

Enquanto em Portugal e Galiza se desenvolvia esta cantiga numa sociedade impregnada de saudade pela partida dos homens para a guerra, em França com outras condições sociais era natural que o lirismo apresentasse características diferentes.

cantar rude dos feitos de armas dos Castelhanos.

Como argumentos extrínsecos temos o testemunho de escritores quatuorcentistas, anteriores à edição castelhana de Montalvo, e quinhentistas.

Gomes Eanes de Azurara refere-se a Vasco de Lokeira como sendo o autor do «Amadis». Ninguém então, o desmentiu. Miguel Leite Ferreira e António Ferreira, seu pai, nos seus escritos fazem referência a Vasco de Lokeira, natural do Porto, como autor da novela. João de Bamos, repete o mesmo e acrescenta com pena que «os castelhanos mudaram a linguagem e atribuíram a obra a si.»

Porém, para no nosso espírito a dúvida de sempre e só a conseguiremos afastar se um dia, por felicidade, se encontrar entre os alfarrábios duma biblioteca virgem, o original do «Amadis de Gaula».

Eduardina Amaral
6.º Ano

Reinava então em França um feudalismo poderoso e só a senhora casada ou castelã tinha importância social e a ela era dirigida homenagem. Assim os trovadores dirigiam-lhe as suas cantigas não inspiradas num amor sincero mas imaginado. Era o amor cortês, que devido às circunstâncias tinha de ser «mesurado» e tímido.

Como notámos o trovadorismo Provençal entrou na Península, com a sua «cantiga de amor», que depois de adaptada à Psicologia Portuguesa foi cultivada pelos nossos trovadores.

Na «cantiga de amor» nacionalizada é o homem que exprime a sua paixão e corteja com sinceridade não a mulher casada como os Provençais, mas a donzela solteira e idealizada, que lhe poderia corresponder, pois era livre.

Em contraste com a cantiga de amigo, rica de variedades, esta apresenta simplesmente: a «cantiga de mestria», a modalidade mais perfeita, em que o trovador tece elogios à dama; a «elegia amorosa», em que ele se queixa e solta a mágoa de não ser correspondido no seu amor; e finalmente o «desacordo», assim classificado em atenção à técnica, que apresenta diversidade de métrica e pode ser escrito em várias línguas.

Este lirismo que pode parecer insignificante e sem interesse é de alto valor e merece a nossa atenção, pois representa os primeiros passos da nossa literatura, sendo ainda uma lição para nós, pois nos indica a inclinação inata dos Portugueses para coisas elevadas do espírito, como a expressão artística do sentimento.

Lídia Maria Goulart

6.º Ano

Conclusão do pág. 3

mestre palavras de censura.

Só aqueles que já sentiram a ansiedade de saber a nota de um exercício ou de uma chamada é que podem dar o valor a estes momentos.

Relembro com saudade, a minha entrada para o 1.º ano, estando com receio da festa dos «caloiros» e da «Estrada da Caldeira», felizmente esta última não se efectuou, devido a ser o primeiro que senti os efeitos da água fria, depois do esgotante sacrifício de ajudar a transportar o trono do «Rei».

Quando da minha entrada, parece-me que oíço a minha mãe dizer-me:

— Meu filho entra com o pé direito para teres sorte.

Na verdade não segui o conselho à regra, porque não consegui ultrapassar os portões do Liceu nem com o esquerdo nem com o direito, mas sim de vôo depois de levar dois grandes pontapés.

Nos primeiros dias, arrepiava-me, quando via o Sr. Dr. Simas a impor silêncio na aula.

Foi sem dúvida o professor de quem mais gratas recordações sinto. As célebres recitações de Francês e os famosos zeros que pouco depois se transformavam em nozes ou em 6, com a caderneta ao contrário.

Era um mestre que sempre tinha um conselho para o aluno, sabendo-o compreender. Chamava-nos «almas do diabo» e muitas outras coisas, mas nunca o disse com ódio. Sobrevinha sempre um sorriso de compreensão, para com a mocidade.

Depois de dois anos de estudo, fiz o exame do 2.º ano com razoável classificação. Infelizmente, no 3.º Ano apanhei um daqueles «chumbos» com seis negativas no 3.º período.

Muitos pensam que um «chumbo» é a coisa mais simples.

Sim, é uma coisa simples, levada na brincadeira, mas só quando vemos a alegria daqueles que passaram o ano, com umas boas férias na praia, no campo, ou junto das famílias, então é que nós, «os chumbados», sentimos tristeza e desolação. Só naqueles momentos é que reconhecemos as nossas culpas e que foi com justiça que os professores nos reprovaram. Fazemos sempre a promessa de nos emendarmos, mas não pensamos depois nisso quando chega o próximo ano. Assim aconteceu comigo que «chumbei» no 4.º Ano.

Foi neste ano, julgo, que houve uma camaradagem mais leal e sólida na turma do 4.º Ano - C. Não mais me esquecerei dos belos passeios que dávamos à quinta de S. Lourenço em bela camaradagem, parecendo todos irmãos.

Também, no mesmo ano, fui nomeado redactor do jornal «Arauto», o jornal do estudante para o estudante. O Liceu acabou para mim. Não terei mais as horas felizes que passei com bons companheiros. Aqui longe penso nessas horas, que passámos juntos. As inesquecíveis tardes e noites que passávamos no «Largo do Infante», com a Lua no alto do Pico espargindo a sua luz brilhante no canal, cujas águas calmas pareciam escutar as nossas conversas.

Já é tempo de terminar o meu pobre artigo, em que evoco parte da minha agitada vida de estudante.

Que os meus «chumbos» sirvam de lição, aos jovens que iniciam agora a sua vida estudantil.

Sacramento (E.U.A.). Janeiro de 1961.

José Azevedo

Desde as mais remotas épocas que o homem sente o Belo e a sua sensibilidade vibra perante ele. E não se satisfaz unicamente na contemplação da beleza física e sensível já existente na natureza. Também procura, ele próprio, criar o Belo no culto da Arte, nomeadamente da literatura.

E' que, não podendo calar os sentimentos do âmago da sua alma, o homem sente necessidade de exprimi-los, dando-lhes quanto possível uma forma bela.

O Português, de natureza bastante sensível, sentiu mais que ninguém esta necessidade. Numa época muito recuada já o Galaiço — Português, teve hegemonia, como expressão de uma literatura especial — uma poesia lírica com berço na Península.

Tal poesia, de carácter feminista por exprimir os sentimentos da donzela, que dominada pelo «delicioso pungir» da saudade desabafava as suas coitas de amor pelo amigo ausente, era constituída por cantigas destinadas à execução. Estas, como raramente se escreviam, perderam-se.

Com efeito a primitiva poesia galaico-portuguesa, de aparência rude, não era estimada pelos homens cultos do tempo.

Porém o lirismo de Provença conquistou a Península e, entrando em Portugal, veio não só trazer a «cantiga de amor», como também contribuir para que a nossa cantiga autóctone, compenetrando-se do seu valor se aperfeiçoasse e aparecesse na literatura escrita.

Ficámos assim com duas espécies de poesia, que constituem os mais antigos textos literários de Portugal: a «cantiga de amigo», autóctone da Península e a «cantiga de amor», originária da Provença, cada uma com características especiais.

Tem uma técnica própria

a cantiga de amigo, assim chamada pelo uso frequente que faz da palavra «amigo», designação dada então ao namorado, de quem a donzela sente saudades.

Nela se repete em cada grupo de duas estrofes a mesma ideia, quase pelas mesmas palavras. Dá-se a esta repetição de ideias o nome de paralelismo.

Outra característica é o refrão ou seja a repetição de versos iguais em todas as estrofes.

Tem sido muito discutida a origem desta técnica, defendendo-se bastante a tese litúrgica apresentada por Rodrigues Lapa. Segundo este escritor o paralelismo teria nascido da imitação do cauto antifónico da igreja, no qual a antifona cantada no fim dum salmo corresponderia ao refrão. Há, porém, quem discorde, mostrando que, como as mulheres não participavam no canto dos salmos, não poderiam ter sido influenciadas, atribuindo a origem desta técnica simplesmente ao ritmo natural ao trabalho e à dança.

Quanto ao fundo, é certo que todas possuem caracteres comuns, mas não podemos no entanto agregá-las num único modelo.

Muitas vezes a cantiga é um monólogo ou elegia amorosa em que a donzela desabafa a sua dor e exprime a sua paixão.

Pode, porém, ser um diálogo entre a apaixonada e a mãe ou qualquer amiga que compreenda o seu sofrimento, e então chama-se «tensão».

Outras vezes, a donzela é uma pastora graciosa e a cantiga chama-se «pastorela». É, quando a donzela atormentada pelas saudades que não a deixam dormir, suspira pela aurora, toma a designação de «alva ou serena».

As mais belas, porém, e que só se encontram na literatura portuguesa são as «marinhas» ou barcarolas e

Conclui na pág. 7

Conclusão da pág. 2

na, pois a tempestade obedecia-te. Mas aqueles homens, sob o comando do grande Gama, lutavam bem e sabiam o que queriam. Bem te esforçaste por os venceres, como tinhas feito a tantos outros, mas cedo notaste que o teu inimigo era diferente destes outros».

E viste assim passar por ti, vencer-te e, mais que vencer-te, humilhar-te, aquele barquinho que mais parecia uma «casca de noz».

Hoje é com horror que recordamos de quão terrível foi a tua vingança.

Muitos dos nossos marinheiros perderam as vidas de encontro às rochas e embaralhados nas ondas que tu manobravas tão bem. Os marinheiros de Portugal foram os únicos que ousaram desafiar o teu poder e a tua arrogância.

Continuaste o teu reinado, despedaçando barcos, rompendo velas, quebrando mastros, roubando a vida a muitos homens que desejavam entrar nos teus domínios. Até que surgiram outros Gamas e esses te foram vencendo e foste perdendo a tua fama e a tua força.

Hoje és considerado como uma lenda que reinou sobre os mares que eram perigosos para os marinheiros. Mas lenda ou não tu continuas a ser o símbolo das tempestades.

Muitos poetas inspiram-se em ti e muitos escritos têm surgido dedicados à tua «pessoa», mas em todos eles não és a única personagem: nestes há-de aparecer o nome daquele grande homem que foi o teu maior inimigo — Vasco da Gama.

Carlos Baptista Peixoto

— 4.º Ano —

São assim os Estudantes

Conclusão do pág. 10

Descoberta biológica

Depois de aturados estudos os aplicados alunos do 6.º ano revolucionaram a Biologia com a descoberta do ciclo do Caldo Verde. Os interessados em tais assuntos podem dirigir-se ao L. Ant.

Atrazado!

Parece que foi deveras sensacional o baile realizado por um «grupinho» de extravagantes.

Os «carretos» foram de tal ordem, que até se falou alemão à grande e à francesa. Foi este um dos serões dançantes que mais contribuíram para ilustrar as bebedeiras da rapaziada. Segundo dizem, foi realmente o baile da mi-

xórdia e do empurra muito bem desorganizado. Parabéns aos desorganizadores e aos meninos e meninas, que com tanta finura se apresentaram !!...

Anúncio

Deseja-se miúda engraçada, que queira preencher o vácuo no coração dum individuo.

Ele está desgotoso, porque não há maneira, chega sempre tarde. Tratar todos os dias úteis com C. Nunes.

Cientistas falidos

Muito pesarosos ficámos nós, cá os da F, ao saber que alguns colegas pretendem abandonar a ciência e isso significa pôr-nos de parte, nós que tan-

—O Torneio de Xadrez, organizado pela Secção Cultural, foi ganho por Mário Gabriel da Silveira. Em 2.º e 3.º lugares classificaram-se, respectivamente, José da Costa Nunes e Leonildo Vargas.

—Este ano, o Acapamento da Páscoa realizar-se-á no Capelo, no sítio do Cruzeiro. Será comandado pelo Comandante de Centro, Mário Moniz Simas.

— Está em projecto a realização de uma excursão à ilha das Flores. Nessa excursão só poderão participar filiados da M. P. ou M. P. F. que possuam farda.

— No dia 10 de Junho, Dia da Raça, será, possivelmente, levada à cena uma peça de teatro, em colaboração com a M. P. F.

— No dia 22 de Fevereiro, foi mandada celebrar, pelos filiados do nosso Centro, e com o producto de uma subscrição, uma Missa de 30.º dia, sufragando a alma do 3.º Piloto do «Santa Maria», João José do Nascimento Costa, antigo Comandante de Falange da Mocidade Portuguesa.

— Estão a despertar grande interesse, entre os filiados do nosso Centro, as actividades do Centro de Estudos Astronáuticos da M. P.

to temos dignificado as ciências.

A capoeira aumenta. Onde arrançaremos milho para tanto galináceo?

Despachante Despachado

Para o Simões continuam as dificuldades alfandegárias. A mercadoria tem-lhe saído muitíssimo caro.

Cuidado com os despachos para não ficares despachado.

Os interessados em inscrever-se naquele Centro poderão requisitar os seus boletins de inscrição ao Comissariado Nacional da M. P., Palácio da Independência, Lisboa - 2.

— No dia 10 de Março realizou-se no Ginásio do do Liceu da Horta uma sessão cultural integrada nas comemorações do 6.º centenário do nascimento do Santo Condestável D. Nuno A'lvares Pereira.

A esta sessão que foi promovida pelo nosso Centro, em colaboração com a M. P. F., dignou-se presidir Sua Ex.ª o Delegado Distrital da M. P.

A abrir, o Director do nosso Centro expôs o plano da sessão e fez a entrega dos prémios e menções honrosas atribuídas a filiados do nosso Centro, no último concurso literário da Delegação Distrital e cujo tema era «O Condestável D. Nuno A'lvares Pereira».

Em seguida, alguns filiados leram trabalhos da sua autoria e que foram premiados no referido concurso. Pela ordem com que se apresentaram, foram os seguintes: José Adelino da Costa Nunes, Carlos Guerra Fraião e Paulo Luis Machado A'vila.

No intervalo das palestras, foi feita a entrega das medalhas e outros troféus conquistados pelos rapazes que mais se distinguiram nas competições desportivas e no Torneio de Xadrez.

A terminar, houve um breve recital de poesia em que colaboraram as filiações Conceição Lourenço, Lidia Goulart e Eduarda Silva, que recitaram, respectivamente, poesias de Fernando Pessoa, António Sardinha e Guerra Junqueiro.

Ao registar nas nossas páginas a noticia de mais esta iniciativa do nosso Centro, apraz-nos formular votos de que se realizem outras sessões do género desta.

-- São assim os Estudantes --

Subscrição

Achamos da melhor oportunidade, abrir uma subscrição para compra e reparação de material necessário à «Nossa Casa». Tomamos esta iniciativa, porque sabemos, antecipadamente, o inteiro apoio que a «Malta» dará a mais esta campanha. E' evidente, quando, nós rapazes donos desta «Casa», não tratarmos dela, quem tratará??

Para começar não vai mal.

Um amigo do Centro\$05... Anónimo; uma lata de conserva.

Nota — Talvez seria bom que este da conserva, a fosse trocar por coelho, pois era mais apreciado.

Que Piada!

Não acham engraçado aquela moda, de alunos deste Liceu terem usado imponentes chapéus?

Não resta dúvida de que o Carnaval foi muito alegre e essas, dos chapéus, etc. etc., tiveram muito espirito.

Notícia inesperada!

O P. L... decidiu, ao que nos parece, engatar uma senhora professora. Depois de muito pensar e muito andar (de mota) o P. L. conseguiu alguma coisa. Sim senhor, está cheio de sorte!

CAIU O PANO!

A nossa colega A. parece ter já definido a sua posição. Depois deste jornal muito ter falado acerca dela, sem nunca ter acertado, ela conseguiu arranjar afinal o seu verdadeiro D. Juan. O que é preciso, é tomar cautela, muitas laranjadas fazem mal.

COMUNICADO

Ex. Sr. L., reverendíssima autoridade da Macacaria filho directo da Macaca Ramsés II e descendente ilegítimo das «Bocas Doces» inimigo implacável de «Bico de Mel» e chefe supremo do estádio da Baneira e seu principal organizador.

Em virtude da sua falta de camaradagem para com os colegas pertencentes à organização «Do não faz nada» e tendo recebido dela uma queixa dos seus companheiros por motivo acima mencionado, vemo-nos obrigados, com grande pesar, a expulsar vossa excelência deste estabelecimento de ensino do qual fazia parte.

Para o recompensarmos da sua expulsão e para remediar em parte alguma da culpa que tenhamos tido, condecoramo-lo com a medalha de Sabão da Cruz da ordem do Capitão Boca a Doce, mais alta condecoração até aqui obtida por um representante da Macacaria, da qual vossa excelência é um digno representante.

Com muito pesar e desculpas nossas nos subscrevemos humildemente a vossa excelência atendendo às suas *qualidades* observadas durante os trabalhos da nossa organização.

a) um e outro.

Confusão

O «menino Vi» andou aqui há tempos com uma asinha, digo um bracinho, ao peito.

Um dia chegou à aula e o professor perguntou-lhe: — O que é que tens?

— Desloquei uma tibia. Risota geral.

Então, ofendido o Vi retrouqui.

— Eu sei muito bem que estes ossos são o rádio e o perónio.

Isto é que é meter os pés pelas mãos.

De grão em grão!

A ex-sócia de um nosso ex-colega de redacção, agora americano, tem já uma boa colecção. Agora arranjou um carrinho novo na cidade, muito diferente de todos. Mesmo assim é que é bom, um carro descapotável tem todas as conveniências, para pessoas muito viajadas, menos calor, etc., etc....

Cuidado!

Chamamos a atenção para os actores cómicos, que vão representar cenas na Avenida Marginal. Acautelem-se... sobretudo nestes tempos em que certos países deram em meter-se na vida portuguesa por tudo e por nada.

Ora imaginem, que o delegado de qualquer país, daqueles que nós sabemos, se lembrava de sugerir que o caso dos «pares» da Avenida fosse discutido nos trabalhos da Assembleia Geral das Nações Unidas: Qualquer dia o delegado da Parviléria faz essa proposta!

E, como alguns pares namoram «à americana», o caso pode levantar suspeitas de consequências internacionais, nesta época de rivalidades.

Na Aula de Literatura

7.º Ano-A

Professor (falando dos temas ultra-românticos):— Os ninhos dos passarinhos, a candura, o amor, a donzela, o cabelo loiro, os olhos azuis....

V. — e o nariz arrebitado

Na aula do 7.º F

Prof. Quantas asas tem o pombo?

H — Três

Prof. Três!?

H — Sim, duas dos lados e uma atrás.

Descoberta

Já sabiam da descoberta feita por uma aluna do 5.º ano - A? «O Fermento Royal é muito bom para os males de intestinos e estômago.» Até parece que já se registou a patente.

Prestem atenção. Quando tiverem «dores de barriga» tomem Fermento em pó Royal é melhor e não faz mal

Fenómenos

Dizem que o Entroncamento é a terra dos fenómenos. Foi!... Agora o Faial leva-lhe vantagem. Batatas de 10 quilos, bezeros de seis pernas (bezeros miriápodes) etc., contribuíram para esta ultrapassagem.

Agora o último e sensacional fenómeno é um ovo, não chocado, e donde saem todos os dias vários pintainhos. Quem quiser ver este fenómeno venha ao liceu todos os dias excepto aos domingos (o ovo também tem a sua folga).

Semelhança....

P. — Que semelhança existe entre a Batalha de Aljubarrota e a nova Avenida Marginal.

uma «Ala dos Namorados». *Crónicas*, em ambas existe

R. — Segundo rezam as

???

— Quem é a menina que não quer cortar o cabelo?

— Quem é o artista das adivinhas?

— Quem quer comprar um Restaurante que há muito tempo está fechado?

Sim, Senhor!

O L. anda em rodagem, mas passa a maior parte do tempo parado na nova «Praça». E' mais agradável e mais económico, para uma pessoa tão económica como ele.

Conclui na pág. 9